Por causa do pior

PAULO MARCOS RONA

"Então, o pior ainda. E ainda, de novo,
voltar ao pior, mas aí não ficar, passar".

Resenha do livro de Dominique Fingermann e Mauro Mendes Dias. *Por causa do pior.*
São Paulo: Iluminuras, 2005.

PARA O LEITOR DE FREUD, *Além do princípio de prazer* (1920) estabelece um marco a partir do qual teoria e clínica psicanalítica recebem novos sentidos. Há, no cerne do humano, algo de uma negatividade radical que, entretanto, causa. Causa dor, adoecimento, penúria, um mal-estar irremediável. Mal esse que não se resume ao indivíduo e abarca o conjunto da civilização em suas relações. É isso o que se extrai de *O mal-estar na civilização* (1930): não há uma conjunção feliz entre o homem e seu mundo.

Freud, no entanto, não foi o primeiro, e não terá sido o último, a ressaltar a impossibilidade desse sonhado e feliz encontro humano. A história da modernidade e, particularmente, a da contemporaneidade se pontuam pelos autores que, assim como Freud, assinalam o desencontro do homem consigo mesmo ou que, mais além, advertem ou se fazem arautos dos perigos de algo (ainda) pior.

É desse pior que causa a nós, humanos, todos, que o livro de Dominique Fingermann e Mauro Mendes Dias, *Por causa do pior*, trata e, ao mesmo tempo, é dele que os autores propõem um tratamento. Não um remédio, note-se bem, apenas um tratamento, sem o qual pode ser ainda pior. Isso porque, não obstante o aparente tom negativista de uma visão que se choca com os imperativos de felicidade da (pós) modernidade, nada há de melancólico no reconhecimento desse pior que nos causa mal. "A conquista do pior é o ponto do qual se parte para realizar seu atravessamento" (p. 108). Melancólico seria ficar na pior, e é do atravessamento desse pior que os autores tratam – e que em suas clínicas devem fazer o mesmo – de uma maneira que, apesar de breve, nada perde do rigor

teórico que lhes sustenta. Breve porque o livro é, na verdade, a reunião de dez palestras proferidas pelos autores em um seminário de mesmo nome, e também porque nele se conserva o estilo marcadamente oral de suas comunicações; nessas ocasiões não há muito espaço para tergiversações, o que mantém o ouvinte e, neste caso, o leitor permanentemente atentos às idéias que se desenvolvem. Desnecessário dizer de mais esses autores da lavra lacaniana, ainda que com diferentes percursos, que (pasmem!) se pode lê-los e compreendê-los. Pobre comentário seria esse, se com ele não se procurasse justificar os pequenos erros tipográficos que passaram despercebidos dos revisores, mas que em nada prejudicam o essencial do texto. (Os detalhes com que me preocupo, e os que deixo escapar, eis o pior!)

O ponto de origem de ambos os autores é que, pela inclusão no mundo humano, o mundo do Outro, o homem é privado de uma parte que lhe é essencialmente irrepresentável, ou essencialmente inessencial, mas que insiste até a morte. "O princípio do pior é decorrente de um princípio de alteridade radical que comanda a identificação humana e constitui o sujeito a partir de sua ausência de referência e de essência" (p. 75).

O pior em causa, portanto, está implicado desde o mecanismo inaugural, e necessário à humanização, da identificação, que, sempre passando por um outro, ao lhe tomar emprestados traços ou ao lhe supor um desejo capaz de plena satisfação ou gozo, paradoxalmente responde e não responde ao anseio de se fazer Um. Jargão lacaniano para dizer que se busca a identidade, no sentido matemático do termo, ou seja, aquela do sinal de igual (=), mas jamais se encontra um igual a si mesmo. Faz-se igual a uma satisfação perdida, a um significante com que se representar, mas que é sempre do Outro, que aparenta recolher o gozo que se perdeu, mas que deixa escapar algo, e que, por isso, causa: deslizamento de significante em significante, o "mal-estar da identificação", no melhor dos casos, ou pior.

Um dos nomes desse pior é a depressão: "ser deprimido é um dos nomes do ser na atualidade" (p. 123), conforme anuncia Mauro Mendes Dias. O que, no entanto, ainda é sublinhado é que o sujeito participa da escolha de sua própria instrumentalização, provocando sua demissão subjetiva, em jogo na depressão. Há uma causa para o abatimento, sem dúvida, a culpa pela covardia moral dessa demissão subjetiva, outro nome para o sujeito na posição depressiva. Trata-se do sujeito que cai, que se demite de sua posição antes mesmo da queda. Que cai na depressão ao vislumbrar a queda de seu próprio lugar, efeito do discurso científico, que, ao excluir a causa do desejo, o pior em

causa, das razões de seu discurso, tenta eliminar tanto o sujeito quanto seus impasses em face do objeto. Quanto mais se afasta do pior, mais esse retorna potente. Quanto mais participa do discurso que o destitui no processo de medicalização que se institui pelo capitalismo farmacêutico, mais silencioso é seu próprio discurso, seja porque seu ser, aí, já está nomeado, ser deprimido, evitando o desconforto do deslizamento significante da "insustentável leveza do ser", seja porque a medicação, objeto das ciências do cérebro, ao foracluir, deixar de fora o sujeito, faz ignorar a implicação subjetiva de quem fala. É pior.

A própria tentativa de ter, ou de se fazer, um nome que seja próprio e com o qual alguém possa se distinguir, façanha que inebria multidões, também tem suas incidências do lado do pior. "Unabomber" é outro desses nomes que o leitor encontrará na análise de Mauro Mendes Dias, com o qual, aliás, o autor chegou a se corresponder. Composto por UN, de universidade, A, de aviões, e BOMBER, de bombardeador, Unabomber não é um nome pelo qual um determinado sujeito se reconheceu, mas um que lhe permitiu sustentar seu próprio nome; sujeito marcado pela foraclusão que o fez objeto de um livro de cuidados infantis para a mãe e objeto de estudos e testes para a ciência, contra a qual sua guerra foi declarada. Excluído do pacto simbólico que faz o laço entre os homens, esse sujeito encontrou, no enlace de elementos heterogêneos, simbolicamente desencadeados (UN, A, BOMBER), um modo de sustentar seu ser evanescente. O pior é que, através de Unabomber, tampouco se pode reconhecer, já que aí teria de responder de um lugar que o implicaria, que o responsabilizaria no campo do Outro, do simbólico, e que era algo que lhe escapava por completo.

Pior ainda, segundo Dominique Fingermann, é a aberração que o discurso capitalista introduz ao "solucionar o paradoxo" humano de ter de se virar, de fazer laço social em torno de uma causa perdida. Diferentemente dos quatro discursos postulados por Lacan, em que o gozo perdido se articula, de alguma forma, à lei de substituição do significante – e permito-me omitir um desenvolvimento mais extenso que enfadaria os leitores, e que, deveras, é desnecessário para o próprio comentário que a autora tece sobre a questão –, esse quinto discurso não se funda em uma inversão, nem em uma subversão, mas na aberração, já que "solucionar um paradoxo é uma aberração" que promete a relação possível entre o sujeito e sua causa perdida. É pior porque na "sociedade do espetáculo", na cultura de massa, tudo é transformado em coisa. Coisa que entorpece e que fisga o circuito da pulsão, a qual, em vez de circular, malograr e renovar o

desejo, fixa-se em um fetiche que promete o gozo pleno. Imagem feita objeto, simulacro, todas as quinquilharias que se oferecem para a plena satisfação, por mais caro que custem, não têm valor; não têm valor de uso, somente valor de fetiche, valor como imagem atrás da qual nada se apresenta, logro em vez do malogro da pulsão que impulsiona a criação. Pior, o sujeito não se articula mais em sentidos que produz, mas em objetos que ostenta... ou pior, nem se articula mais, reduzido a um objeto, ele mesmo, para o olhar, eliminado da cena como sujeito.

O pior insiste de diversos modos, e os autores são ricos e claros em suas descrições, das quais, aqui, não faço mais que oferecer uma pincelada. O melhor, porém, é que não se fica no pior, e em mais de um dos "capítulos" desse livro Dominique Fingermann e Mauro Mendes Dias oferecem comentários de como a psicanálise pode ser um tratamento do pior.

Sem dúvida, não se trata de extirpar isso que causa, ausência de essência, falta de nome e de significação, com um possível complemento da falta a ser humana. De maneira alguma a psicanálise pode se propor a tentar apaziguar a dor dessa falta, que é parte da estrutura, com uma fala que aconselhe, oriente, explique, suture, tente remediar essa ferida constitutiva. É aí que devemos atentar para o texto e para as formulações dos autores para bem situar o lugar que o analista ocupa no tratamento. É claro que aquele que procura uma análise sofre e busca que o aliviem dessa dor, mas a resposta que o analista dá a esse pedido, e ao qual, em algum ponto, também endereça essa dor, sem apagá-la completamente, permitindo que o tratamento tenha lugar, é da forma do "fale mais", "o que você quer dizer com isso?", "volte na próxima sessão e continue falando", "fale ainda assim", "fale... fale", como se já propusesse o fim que se antecipa do desencontro entre o sujeito e seus enunciados. A "associação livre" que funda a relação analítica ganha aqui, ou talvez recupera, todo o seu fundamento. E, para lacanianos e não-lacanianos, as várias descrições de como Dominique Fingermann vê o percurso de uma análise são tanto instrutivas quanto elucidativas. Em particular, porque a autora se apropria de aforismos lacanianos freqüentemente repetidos, tal qual a moeda que passa de mão em mão, mas cujo valor já se apagou com o tempo e a manipulação, para retomar seu sentido sem o desagradável hermetismo que contamina o meio. Dessa forma, demanda, desejo, transferência, sintoma e angústia, termos no mínimo complexos para qualquer leitor da psicanálise, desfilam em comentários curtos e precisos sobre a direção do tratamento. É só o que me aventuro a

escrever. E o leitor que me perdoe, porque pior seria arrancar trechos que, fora de contexto, trariam todo o equívoco da inexata interpretação – como se alguma fosse exata – e achatariam o texto a um dito, mal dito sem dúvida, como sintoma a interpretar a falta.

Há ainda um bônus: o "capítulo" "Os passadores do pior: Beckett, Blanchot, Duras: travessias", publicado no trigésimo terceiro número da revista Percurso, que testemunha a passagem possível, na verdade três, pelo pior. "Um pior que passou, mas que nunca mais vai cessar de passar", nas penas desses "escritores criativos", lembrando ainda do interesse de Freud. Passagens em que a letra faz ato, travessia, para não ficar na pior.



recebido
01/09/2005
aprovado
15/09/2005